CONSUMISMO E SOLIDÃO NO FILME *INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL*, DE STEVEN SPILBERG: uma abordagem ecocrítica e filosófica

Sirley Almeida Adelino Baião¹
Fernanda Bezerra de Aragão Correia²
Stephen Francis Ferrari³

Resumo

O presente artigo toma como *corpus* de análise o filme *Inteligência Artificial*, do diretor Steven Spielberg. O objetivo é dialogar a ecocrítica com a filosofia, entendendo-se “ecocrítica” como um discurso-mediação entre o homem, sujeito, e a natureza, espaço físico. Buscamos investigar como se dá essa relação, posicionando o discurso filosófico e cinematográfico nesse diálogo. Através do pensamento do filósofo Gaston Bachelard, tomaremos sua obra *A Poética do Espaço* (2008) para pensarmos a noção de topofilia. Utilizaremos também o pensamento do filósofo Martin Heidegger, tomando sua obra capital *Ser e Tempo* (2011) e outros ensaios para utilizarmos a concepção de espacialidade. Visamos com isso tomar o discurso filosófico como possibilidade de análise, como possibilidade de intercâmbio da ecocrítica com o cinema e desvelar a questão ambiental no filme a partir de um diálogo entre filosofia, cinema e ecocrítica.

Palavras-chave: Cinema; ecocrítica; espaço; filosofia, solidão.

1. Introdução

A preocupação com o meio ambiente está sendo cara a muitos especialistas da área, não só a eles, mas também a todos aqueles que pensam na sua preservação, os chamados ambientalistas, pelo fato de que a relação do homem no que se refere ao mesmo, nunca foi de forma harmoniosa. Expliquemos: a relação homem-natureza transcorreu por direções contrastantes no decorrer da sua história, desde as suas origens, quando o mesmo era dominado por ela, considerando-a indomável; depois, com o advento das Revoluções Científica e Industrial, onde o próprio passa a se considerar superior a ela, visando o seu total controle e domínio, como expõe Camargo (2006). Apesar disso, o ser humano conseguiu ao longo do tempo enxergar uma mudança no que se refere à relação com a natureza, com a tomada de consciência do grau de degradação do meio ambiente provocado por seus atos inconsequentes, despertando um novo modo de compreender suas transformações e respeitar seus limites, pois o próprio

1 Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFS) – enlluarada@hotmail.com

2 Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFS) – fernanda_aragao@yahoo.com.br

3 Departamento de Biologia (UFS) – godbufu@yahoo.uk

havia se esquecido de que a terra era para ser usufruída de forma consciente, sem esgotar suas reservas naturais ou consumi-la desenfreadamente.

O sistema produtivo capitalista tem como lógica o lucro crescente, ilimitado e em curto prazo, por conseguinte induz ao consumo irracional, uma vez que as necessidades criadas por ele são irreais e leva o homem contemporâneo, atualmente, a uma rotina acelerada: trabalhar e consumir, e a cada dia mais solitário na ânsia de produzir e lucrar. Ressalta-se que o problema não se encontra só na esfera da produção capitalista, pois é a demanda do consumidor, através das suas escolhas que vai mudar o sistema produtivo, portanto, o consumidor possui uma corresponsabilidade (PORTILHO, 2005).

No persistir desse descontrole, a sociedade continuará ajudando e assistindo a um grande desequilíbrio ambiental, a começar pela poluição e que não se pode ganhar a luta contra a mesma enquanto os modelos de produção e consumo permanecerem a crescer descontroladamente, o que está mais evidente a cada dia e que não haverá a possibilidade de redução no que se refere ao esgotamento dos recursos naturais ou de se criar uma harmonia nas relações entre ricos e pobres enquanto não existir a ideia de que ter o bastante é bom e ter mais do que o bastante é mau (Schumacher 1983). Corroborando com o economista alemão, Moran (2008) afirma que o maior problema ambiental do mundo é o consumismo. O mercado capitalista ensina egoísmo e o indivíduo fica cada vez mais centrado em si mesmo. Sob esses vieses, qualquer tipo de iniciativa ambiental comprometida, acaba sendo desqualificada em razão da convivência com o consumismo.

O homem e a natureza são objetos de investigação e preocupação pela história, filosofia, sociologia, enfim pelas ciências humanas no geral. Como estabelecer uma discussão teórica da ecocrítica no meio da “dialogação” de meio ambiente e cinema ambiental? Como dialogar a ecocrítica com outras áreas, a saber, a filosofia? Partindo de que a mesma é um diálogo entre a literatura e o meio ambiente? O que vem a ser a ecocrítica? A grande referência nesse campo é o professor Greg Garrard, presidente da Associação para Estudos de Literatura e Meio Ambiente no Reino Unido⁴. A ecocrítica, ligada a essa organização e em estreita relação com a ciência da ecologia, tem como objeto ser um “discurso verdadeiramente transformador, que nos permita analisar e criticar o mundo em que vivemos” (GARRARD, 2006, p. 16). Não se intenta aqui um

4 Association for the Study of Literature and the Environment.

aprofundamento teórico da ecocrítica ou percorrer o seu objeto de análise, a natureza, pelo viés político e cultural, mas partimos da noção base da ecocrítica como um discurso-mediação entre o homem, sujeito, e a natureza, espaço físico, para investigar como se dá a relação com o meio ambiente e a literatura, posicionando assim o discurso filosófico e cinematográfico nesse diálogo.

O presente artigo terá como *corpus* de análise o filme *Inteligência Artificial*, do diretor Steven Spielberg. A narrativa se passa em um futuro próximo, que com o derretimento das calotas polares, em decorrência do efeito estufa, grande parte do planeta ficou submerso e com isso os recursos naturais ficaram insuficientes e o controle da natalidade bem rigoroso. Para manter esse controle, a fábrica de robôs Cybertronics Manufacturing, começa a produzi-los como garantia do equilíbrio econômico e como simulacros humanos, no intuito de suprir as carências mais complexas dos mesmos. Nesse contexto está David, o robô-menino, que com o controle rígido da natalidade a empresa dos androides o desenvolve com sentimentos para amar os seus pais. Ele é programado por sua mãe adotiva e com isso passa a amá-la incondicionalmente e se sujeita as maldades do seu irmão humano, no intuito de ter o amor dela e como na história do Pinóquio, ele também quer encontrar a fada azul para ser transformado em um garoto. Quando é abandonado pela mãe, David sai em busca de ser real, ou seja, humano, achando que assim também poderá ter o direito de ser amado de verdade por ela.

Através do olhar do pequeno androide, será aproveitado o “vazio” (solidão) dos personagens causado pela criação dos androides e a dependência dos humanos no que se refere a eles e sob essa perspectiva iremos fazer uma análise cinematográfica e filosófica do enredo, mostrando o impacto que interfere na relação do homem com o seu meio. Essa relação nada mais é do que uma relação de intimidade. Assim o homem atual sem tempo para mais nada, nem se imagina em um relacionamento de intimidade com o espaço no qual habita. Como aporte teórico será utilizado o filósofo francês Gaston Bachelard, com a sua obra *A poética do espaço* (2005), livro esse que o filósofo nos apresenta pelo método fenomenológico os espaços vividos do nosso íntimo, a partir da visão da casa, porão, sótão, ninho etc. Utilizaremos também o filósofo alemão Martin Heidegger, com o seu ensaio “Construir, Habitar, Morar”, que se encontra no livro *Ensaio e Conferências* (2010), onde tomaremos a noção de habitar e como isso funciona no filme, ou seja, como os personagens habitam no meio ambiente que vivem. Na sua obra *Ser e Tempo* (2011), que é a obra capital do filósofo alemão, será tomada

apenas a sua concepção de espacialidade e a partir daí mostraremos como isso pode contribuir para a discussão da ecocrítica, isto é, tentaremos ver como os personagens estão dispostos na natureza a partir da investigação analítica existencial do ser na espacialidade. Deste modo iremos fazer um intercâmbio da ecocrítica com o cinema e a filosofia.

1. UMA LEITURA MULTIDISCIPLINAR DO FILME *INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL*

A verdade é que, depois de séculos de modernidade, o vazio do futuro não pode ser preenchido nem pelo passado nem pelo presente. O vazio do futuro é tão só-só um futuro vazio. Penso, pois, que, perante isso, só há uma saída: reinventar o futuro, abrir um novo horizonte de possibilidades, cartografado por alternativas radicais às que deixaram de o ser. Boaventura de Sousa Santos

O filme de Spielberg, uma ficção moderna, se passa em pleno século xxi, com o derretimento das calotas polares como consequência do efeito estufa, inunda o planeta submergindo as cidades do litoral e causando com isso a extinção de grande parte da humanidade, ou seja, a relação entre o homem e a natureza foi catastrófica. Têm-se um planeta destruído. O meio ambiente alterado pelo mesmo voltou-se contra ele.

Com os recursos naturais praticamente esgotados, começa-se a busca de uma solução para a população remanescente, e é a partir daí que se inicia a fabricação dos androides, já que os mesmos podiam assumir o lugar dos humanos, sem gerar consumo dos recursos e ao mesmo tempo equilibrar a economia e ser também um substituto humano no que se refere às suas emoções. Com isso gera-se uma dependência do homem com o seu simulacro, no caso aqui o androide, até no sentido emocional. Podemos citar nesse sentido, o androide Joe, que foi criado para ser o amante, ou seja, nos momentos de solidão, de carência, os humanos já tinham suas alternativas.

O pequeno androide David é fabricado com o objetivo de amar incondicionalmente os seus pais, já que o controle de natalidade estava bem rigoroso. O casal Mônica e Harry adota o menino-robô na tentativa de suprir a dor causada pelo filho deles que está desenganado. Quando a mãe adotiva o programa, ele passa a ter amor incondicional por ela e faz de tudo para agradá-la. Só que o que ela não contava é que seu filho fosse melhorar e voltar para casa e daí começar todo o seu dilema.

David tinha sonhos e dentre eles era o de ser um humano igual ao seu irmão adotivo e com isso ter também o amor da sua mãe. Quando ele conhece a história do Pinóquio, fica na expectativa de ser transformado em um garoto pela fada azul.

O que se pode observar no referido filme é que nas entrelinhas de toda a problemática ambiental e a sina do planeta, há uma relação entre a criação dos robôs, o consumo deles e as carências dos humanos. A substituição dos mesmos pelos andróides causou um consumo descontrolado e logicamente uma produção desordenada dos mesmos no intuito de compensar as carências humanas.

De acordo com Garrard (2006), o texto fundador do ambientalismo moderno, ou seja, *Primavera Silenciosa*, não só começa com uma parábola poética, mas também se apoia nos gêneros literários da pastoral e do apocalipse, como forma de imaginar o lugar do homem na natureza. Não obstante “também venha a funcionar como sinédoque de um apocalipse mais geral do meio ambiente” (GARRARD, 2006, p. 12).

Ele ainda ressalta que descrever algo como um problema ecológico “é fazer uma afirmação normativa sobre como gostaríamos que as coisas fossem” (*Idem*, p. 17). Garrard e Passmore vão concordar que o problema ecológico seja um aspecto de como nós lidamos com a natureza. A poluição, por exemplo, “é um problema ecológico, porque não designa uma substância ou uma classe de substâncias, mas representa uma afirmação normativa implícita de que há um excesso de alguma coisa presente no ambiente, em geral no lugar errado” (*Idem, ibid*).

Como podemos situar o problema ecológico no filme? O fato de o consumismo ser desenfreado, no que se refere aos andróides. Dá-se um acúmulo dos mesmos, lançam-se novos e os obsoletos vão para o descarte de uma forma bem cruel. Eles vão para uma espécie de feira de robôs e lá são destruídos das piores formas pelos próprios humanos e como não são lixos incineráveis dá-se o acúmulo dos resíduos e a conseqüente poluição ambiental. E como observar isso no seio de uma sociedade pós-moderna como o EUA, país conhecido mundialmente por seu avanço tecnológico? Não é para menos que Garrard nos cita: “no mundo pós-moderno da saturação midiática, o tropo moderno da “poluição” pode ficar perigosamente separado de seu referente” (*Idem*, p. 27).

Ele nos diz ainda que os problemas ambientais necessitam de uma análise cultural e científica, pois é o resultado da interação entre o conhecimento ecológico da natureza e sua inflexão cultural e que a ecocrítica possibilita uma análise crítica dos tropos que entram em pauta nas discussões ambientalistas, podendo com isso prever quais deles darão resultados a um determinado público, em um determinado momento.

O que é então a ecocrítica? Como ler de forma ecocrítica o filme do diretor Spielberg? A Ecocrítica tem como objeto de estudo “a relação entre o humano e o não humano, ao longo de toda a história cultural humana” (*Idem* p. 16). Os ecocríticos podem não estar qualificados para debates na contribuição no que se refere a problemas de

ecologia, mas precisam violar os limites disciplinares e desenvolver sua própria “capacitação ecológica” no que tange às ameaças ambientais encaradas pelo mundo atualmente. Com isso, o desafio dos ecocríticos está “em manter um olho nos modos como a ‘natureza’ é sempre culturalmente construída [...] e o outro no fato de que ela realmente existe, tanto como objeto quanto, ainda que de forma distante, como origem de nosso discurso” (*Idem*, p. 23). Logo podemos concluir que o filme abre espaço para as discussões da ecocrítica. Possibilita discutir os temas como poluição, degradação ambiental, consumismo etc.

O filósofo francês Gaston Bachelard, em sua obra *A poética do Espaço* (2008), a partir do método fenomenológico, identifica a intimidade do homem com o seu meio, o qual ele vem chamar de toponálise. Ressaltando que esse método proposto por Bachelard é mais utilizado em narrativas literárias, como podemos aplicá-lo no referido filme?

David descobre e passa a viver em um lugar no qual ela cria uma intimidade e faz dele a sua morada, tanto que no final da narrativa, dois mil anos depois da raça humana ter sido extinta e uma nova raça vem resgatá-lo, eles conseguem refazer o seu lar antigo e ele se lembra de cada canto, por causa da sua intimidade com o mesmo, intimidade essa a qual Bachelard chamará de oniricidade como modo essencial. Recorremos ao filósofo francês para destacarmos algumas nuances da intimidade, para chegar à familiaridade dos espaços íntimos, visitar os aposentos, os abrigos, todas as moradas para chegar aos “valores oníricos consoantes” (BACHELARD, 2008, p. 25). Revelar a intimidade é também revelar “a cosmicidade da casa” (*Idem*, p. 46), o que chama de “centros de condensação da intimidade” (*Idem*, p. 47). A intimidade encontra-se no profundo interior de um velho armário (sempre falando por metáforas): “[...] o espaço interior do velho armário é profundo. O espaço interior do armário é um espaço de intimidade” (*Idem*, p. 91, grifo do autor). Dizemos que entre meio ambiente e cinema tudo habita. Habitar, pois Bachelard utiliza o signo do ninho, ou melhor, da casa-ninho, como morada do habitar: “a casa-ninho [...] é o lugar natural da função do habitar” (*Idem*, p. 111).

Para o pensamento de Bachelard a casa constitui a verticalidade do humano “é a oniricamente completa” (*Idem*, p. 43). Para o filósofo, a casa oniricamente completa é a que tem sótão e porão, “dramatiza os dois polos” (*Idem, ibid*), isto é, só na casa onírica há oniricidade, intimidade, toponálise. Logo depois Bachelard apresenta a antítese na sua fenomenologia do devaneio que são “as moradas oniricamente incompletas” (*Idem*, p. 44). Apresenta-nos Bachelard a crítica à falta de intimidade nas cidades grandes:

À falta de valores íntimos de verticalidade, é preciso acrescentar a falta de cosmicidade da casa das grandes cidades. As casas ali, já não estão na natureza. As relações da moradia com o espaço tornam-se superficiais. Tudo é maquina e a vida íntima foge por todos os lados (*Idem*, p. 45).

Em ninho “como toda imagem de repouso e tranquilidade, [...] simplicidade?” (*Idem*, p. 110). Como David transforma a sua morada em ninho? Ou melhor, “casa-ninho” (*Idem*, p. 111). Como David faz do mundo um abrigo acolhedor? A resposta está na ausência de hostilidade do mundo dita por Bachelard: “Tanto o ninho como a casa onírica e tanto a casa onírica como o ninho – se é que estamos na origem de nossos sonhos – não conhecem a hostilidade do mundo” (*Idem*, p. 115).

A partir da “fenomenologia da concha habitada” (*Idem*, p. 119), nós podemos nos encontrar com Heidegger com o ensaio “Construir, Habitar, Pensar”, ressaltando as devidas diferenças com Bachelard. O filósofo alemão lança a pergunta o que é habitar? E qual a relação de habitar e construir? A partir do exemplo de um caminhoneiro na autoestrada, ele nos mostra que o mesmo está em casa, mas lá não é a sua residência. “O homem é à medida que habita” (HEIDEGGER, 2010, p. 127). No filme *Inteligência Artificial* David habita os espaços em que vive, ou seja, *em habitando*. Heidegger ainda faz uma metáfora de uma ponte como “reunião integradora” (*Idem*, p. 132). A ponte integradora liga o distante ao próximo. A ponte é a abertura para pensar o homem no espaço “o espaço instanciado pela ponte, contém vários lugares, alguns mais próximos e outros mais distantes da ponte. Esses lugares podem, certamente, ser fixados como simples posições entre as quais subsiste o intervalo mensurável” (*Idem*, p. 134). O pequeno androide no filme cria uma ponte que a leva para o seu habitar. Assim, “a relação entre homem e espaço nada mais do que um habitar pensado de maneira essencial” (*Idem*, p. 137).

Esse é o traço essencial para Heidegger, onde nos faz pensar que David é. É no mundo. Habita, *em habitando*. O que Heidegger entende por “em habitando” é um estar junto às coisas. É na sua obra máxima *Ser e Tempo* (2011), que o filósofo alemão vai abordar sistematicamente a relação do ser com as coisas na espacialidade do mundo ou o que ele chama de mundo circundante. Na sua analítica existencial, que investiga o sentido do ser, o filósofo alemão conceitua o ser, conceitua os entes intramundanos (as coisas do mundo) e o *Dasein*⁵. Nos parágrafos vinte e dois, vinte e três e vinte e quatro da primeira parte da primeira seção, Heidegger vai investigar a espacialidade desses entes intra-mundanos, do *Dasein* e a constituição do que ele conceitua ser-do-mundo. “O *Dasein*, no entanto, está e é no mundo” (HEIDEGGER, 2011, p. 158). O ser-no-mundo, para

5 A tradução mais próxima seria ser-aí.

Heidegger (que também é ser-com), nunca está só e isolado, é sempre ser-junto-a. Logo, o ser-no-mundo já dispõe sempre de um espaço, é espacial. No parágrafo setenta do livro II, Heidegger conclui a questão do espaço dizendo: “o *Dasein* arruma espaço através de direcionamento e dis-tanciamento” (*Idem*, p. 458). E sintetizando os parágrafos anteriores da primeira seção da primeira parte, conclui que “O mundo não simplesmente dado no espaço; o espaço, no entanto, só pode ser descoberto no seio de um mundo” (*Idem*, p. 459), sendo assim o ser, sendo, espaço temporalmente.

Assim podemos ver que o pequeno androide David não é mais pensado como um ente intramundano, ou seja, coisa, para configurar-se como ser-no-mundo, ser-no-mundo como ser-com, ser-junto-a, ser-com-os-outros espacial e temporalmente: *Dasein* no mundo circundante. Presença. E ele enquanto ser-no-mundo pode ser assim lido pela analítica existencial heideggeriana de ser-com-os-outros.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que, através dessa discussão filosófica, ecocrítica e cinematográfica, conseguimos mostrar que mesmo um ser artificial, sem vida, fabricado para ser apenas um simulacro humano, tem o seu lugar no mundo a partir do momento em que ele pensa, sonha e deseja. O motivo que levou os seres artificiais como David a serem criados transcende a razão e nos mostra um consumismo desenfreado deles no intuito de suprir as vontades humanas, que não passam de carências bem complexas. Os andróides como David são colocados como um item de consumo, com a simples finalidade de diminuir essas carências. Mas quais seriam as verdadeiras necessidades deles? A carência de David era a vontade de evoluir, de ser um humano.

Podemos constatar que as questões ambientais podem caminhar lado a lado com a ecocrítica, já que a mesma tem como objeto de estudo o homem como sujeito e a natureza como espaço físico. Como vimos até aqui, pudemos ver que o trabalho da ecocrítica é estar atenta aos modos de como a natureza se movimenta e é culturalmente construída. Com isso o filme capta um mundo devastado e ao mesmo tempo o que resta dele deveras tecnológico e nada preocupado com as questões ambientais, a citar, o acúmulo do lixo e a poluição. Logo podemos perguntar: até que ponto isso nos serve de alerta? Até que ponto um filme sobre uma sociedade altamente industrializada, fragmentada e carente e sem preocupação com as questões ambientais pode servir de exercício crítico? Isso é uma questão ecocrítica que o filme possibilita discutir.

Com a topofilia do filósofo Gaston Bachelard e a investigação analítica existencial do filósofo alemão Martin Heidegger nós pudemos constatar que foi possível, com a

filosofia, dialogar ecocrítica e cinema, e que o presente artigo alcançou o seu objetivo de pôr em diálogo essas áreas, distintas entre si, dentro de uma perspectiva multidisciplinar, já que abarcou várias áreas do saber, e com esse diálogo foi possível desvelar a questão ambiental do filme, pois o mesmo, sob a direção do cineasta Steven Spielberg, se faz um dos grandes filmes nos “tempos contemporâneos” para pensar o sentido da vida e da relação homem-natureza.

REFERÊNCIAS:

- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BENTHE, Richard Hugh, **Meio Ambiente & Cinema**. São Paulo: Editora Senac, 2008.
- CAMARGO, Ana Leal. **Desenvolvimento Sustentável: Dimensões e Desafios**. São Paulo: Papirus, 2005.
- GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL. Direção: Steven Spielberg. EUA: Warner, 2001, cor.
- MORAN, Emilio. **Meio Ambiente e Ciências Sociais: Interações homem-ambiente e sustentabilidade**. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade Ambiental, Consumo e Cidadania**. São Paulo: Editora Cortez, 2005.
- SCHUMACHER, E. F. **O Negócio é ser pequeno**. Quarta edição. Trad. Octávio Alves Filho. Zahar Editores, 1983.